

EDITORIAL

Errando... entre homens e textos... editando o inédito!

Maria Soave Buscemi

Onde nasci, grande é o gosto e a tradição teatral. Desde pequena, aprendi o sentido da palavra “pessoa”, assim era chamada a máscara triste ou alegre que os atores e as atrizes do teatro clássico grego usavam.

Desde criança, no pequeno lugarejo de mar cristalino e de tradição, cultura e língua grega onde nasci, lá no sul da Itália, as pessoas de mais idade, aquelas com muitas luas brancas na cabeça e caminhos infinitos no tecido da pele, me ensinaram que a metáfora da vida, o teatro, divide-se entre tragédia e comédia.

A característica da tragédia, fio vermelho que perpassa e transpassa com mais facilidade a vida humana, é fundamentada em três experiências vitais, experiências que fazem o destino humano vivo e digno de honra: o amor, a dor e a morte. Característica da comédia não é o aspecto engraçado do enredo, mas sua irônica retórica e seu desfecho positivo.

Lembro-me de como, em minha infância, participei de tragédia da vida comum de minha aldeia. Lembro de João e Luzia que fugiram para viverem juntos um amor proibido. O pai de Luzia mandou todos os filhos homens à procura do casal para “lavar a honra”. Luzia e João preferiram jogar-se do alto da cisterna de uma casa para não obedecer à ordem violenta do pai.

João morreu logo depois da queda. Luzia salvou-se, mas ficou com um defeito físico no braço. Lembro-me que, daquele dia em diante, Luzia emudeceu e quando, raramente, saía de casa estava sempre envolta, ela e seu braço morto, num xale preto que minha avó tinha lhe doado depois da queda. Lembro-me de como as mulheres da rua onde morávamos gostavam de estar sentadas, ao entardecer, depois do calor e da secura do dia, na calçada perto das portas das casas baixinhas e brancas, bordando eternos enxovais, contando histórias de tragédias ou comédias vividas por outras mulheres. Lembro-me também de um detalhe das vestimentas que sempre acompanhava estas mulheres: um xale.

Nem todos os xales eram iguais. Existiam xales claros para as moças e xales escuros ou pretos para as mulheres casadas ou viúvas. Existiam xales cotidianos, curtos, simples, de tecido ordinário, e xales festivos, enormes, com amplas franjas, tecidos finos e bordados com cores e histórias fantásticas.

Um xale sempre acompanhava a vida das mulheres de minha aldeia à beira do mar Mediterrâneo. Para quem desconhece a história e as tradições das terras secas, cobertas por oliveiras, figueiras, videiras e cactos, o xale traz, no corpo de uma mulher, a

ambigüidade e a simultaneidade de experiências, suas falas escondidas e seus silêncios impostos.

Tradicionalmente um xale é o símbolo do silêncio e do emudecimento das mulheres pela ordem patriarcal. Um xale serve para cobrir as cabeças, os corpos, os desejos e as falas.

Xale do silêncio

Soubeste da cama estreita das varinhas,
a malga, o beijo, o sono das colheitas;
o vulto dos amantes nas esquinas,
o vôo da gaivota mais perfeita;
o anjo português, branca tormenta,
que o fado te embalou, rezaste o terço.
E os barcos carregados de pimenta
por ti se tornariam nosso berço.
As mães em ti cantavam docemente,
doridas pela chama da amargura,
e a urze dos pinhais nascia rente
à terra, que lhes fora sepultura.
Que xale de silêncio nos deixaste,
que forma tão estranha de viver!
Ó voz que arde na sombra, espinho e haste,
lenço acenando em cada entardecer.
(*Fado português, Mísia – CD Ritual*)

Muitas são as histórias de resistência de mulheres através do uso do “xale do silêncio”.

Muitas são as histórias de insistência de fala de mulheres na desconstrução e reconstrução da simbologia do “xale do silêncio”, símbolo imposto por homens violentos para emudecer e negar a fala e a prática das mulheres.

A presença, imposta, do xale, do véu, para cobrir corpos, cabeças, falas e desejos das mulheres se traduz e se reinventa numa presença de xale, num silêncio imposto, que fala da ausência de uma presença e que abre espaços e corpos para falas “outras”, além das falas e dos códigos pré-estabelecidos. São estas e “outras” as falas das mulheres encobertas com seus xales e véus. As falas de resistências e insistências de “outras ordens simbólicas, não-violentas, circulares e partilhadas”.

“Toda a mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada. Portanto, se a mulher não usa véu, nesse caso, que rape o cabelo. Mas se lhe é vergonhoso o tosquiar-se ou rapar-se, cumpre-lhe usar véu. Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem. Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher do homem. Porque também o homem não foi criado

por causa da mulher, e sim a mulher por causa do homem. Portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu na cabeça como sinal de autoridade” (1Cor 11,5-10).

Nós mulheres conhecemos muito bem estes silêncios impostos sobre nossos corpos e textos pela ordem masculina hegemônica e violenta. Através do uso de nossos xales, tecemos resistências milenares e parimos, em milenar insistência, “outro mundo possível”.

Nossos xales, de diferentes texturas, textos (tecidos) e corpos, criaram ritos de auto-conto para acalantar e curar nossas vidas e feridas. Nossos xales criaram e re-criaram poiética, arte antiga de recriação de relações e textos.

Nossos xales, um tempo do emudecimento e do silêncio, fizeram-se tendas de acolhida para nomeações de divindade errante, humildes, apaixonadas, sem medo de errar, de inventar, re-criar, itinerantes, sem templos, violências e senhores.

Nossos xales fizeram-se tendas para a festa da refeição, da memória de uma ausência, saudade de uma presença na partilha de bolos, pão e vinho abundantemente derramado, para a ressurreição da Vida plena para crianças, mulheres e empobrecidos.

“Então, responderam a Jeremias todos os homens que sabiam que as mulheres queimavam incenso a outros deuses e todas as mulheres que se achavam ali em pé, grande multidão, como também todo o povo que habitava na terra do Egito, em Patros, dizendo: ‘Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do Senhor, não te obedeceremos a ti. Antes, certamente, toda a palavra que saiu da nossa boca, isto é, queimaremos incenso à Rainha dos Céus e lhe ofereceremos libações, como nós, nossos pais, nossos reis e nossos príncipes temos feito, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém. Tínhamos fartura de pão, prosperávamos e não víamos mal algum. Mas, desde que cessamos de queimar incenso para a Rainha dos Céus e de lhe oferecer libações, tivemos falta de tudo e fomos consumidos pela espada e pela fome’” (Jr 44,15-18).

Nossos xales, de diferentes texturas, textos e corpos, se fazem tendas de acolhida para os textos de diferentes texturas dos corpos de homens que silenciam, sonham e nomeiam, na superação de todas as formas de violência, outras e infinitas masculinidades possíveis. Estes são os textos partilhados neste número de Estudos Bíblicos.

Edmilson e Elaine se perguntam sobre as relações de gênero na casa do rei Davi, especialmente sobre como as construções de masculinidades de alguns personagens bíblicos interagem com os papéis protagônicos das mulheres.

“A história interpretativa destas personagens reforça a idéia de uma masculinidade idealizada, hegemônica, baseada no poder e na força. As personagens femininas são interpretadas como estando a serviço do rei, homem, pai, marido, para a exaltação de sua grandiosidade e de seu poder.”

O que chama a atenção de Elaine e Edmilson é de como o relato da ascensão ao poder de Davi em 1 e 2 Samuel, está marcado por violência. Existe nestes relatos, uma relação umbilical entre o poder das armas e o poder machista nas relações de gênero. Esta é também a relação de amizade entre Davi e Jônatas, um pacto de lealdade en-

tre o mesmo tipo de masculinidade hegemônica, centrado na violência e nas armas, e de como esta masculinidade usa mulheres como objeto de troca para se fortalecer. Elaine e Edmilson nos lembram que violência militar e violência sexista andam sempre de mãos dadas.

Celso em sua *Carta de Águila* nos convida para percebermos novas construções de masculinidades, através da convivência cotidiana, trilhando o caminho do reconhecimento mútuo, sem adotar atitudes escapistas que nos afundam sempre mais no abismo da superficialidade, da dominação, da submissão silenciosa e, conseqüentemente, da morte do amor.

“*Reconhecer-se mutuamente é tirar, pouco a pouco, o véu que cobre o rosto verdadeiro e original de cada um.*” *Celso*, abre este processo. Através desta “Apocalipse”, isto é, do desvelamento de corpos e vidas nas relações, o autor possibilita a tomada de consciência de que “também nós homens somos vítimas da nossa própria dominação, reproduzida historicamente pelas três instituições mais influentes do nosso cotidiano: a família, a igreja e a escola”.

Daniel nos propõe um caminho de errância além dos limites impostos pela cultura e pelo preconceito, começando por despir as próprias amarras que os homens impuseram à seus corpos no momento que assumiram o discurso e a prática daqueles que os oprimem.

Entre corpos e palavras de masculinidade, *Daniel* pergunta-se pelas relações entre homens na carta de Paulo a Filêmon, e de como, as palavras de Paulo para Onésimo nesta carta, podem ajudar em dar voz para novas e outras masculinidades, silenciadas por muito tempo e hoje desveladas.

Luiz quer indagar por novas masculinidades a partir do livro de Jó porque “tal como em outras obras literárias produzidas em nossa história e em nossa sociedade, a Bíblia nos apresenta muitos modelos de relações sexistas, mas também alguns modelos de pessoas com relações que podemos entender como libertadoras”.

No livro de Jó, os teólogos oficiais da teologia templar da retribuição e do puro e impuro, são fenômenos claros da masculinidade hegemônica e patriarcal. O próprio Jó não escapa muito do modelo patriarcal. Mas ele ensaia passos de “outra masculinidade possível”. Jó expõe suas dores, suas feridas e frustrações. Ele pede socorro, chama por piedade, chora. Jó sente a solidão e pede apoio. Jó fala com o corpo, ponto de partida da construção de novas masculinidades e para a experiência nova e antiga de hierofania, para a manifestação do sagrado, através da solidariedade ao grito das pessoas empobrecidas. Jó ensaia relações despoluídas dos velhos parâmetros violentos, relações que podem construir outras ecologias, Vida e Vida plena para o cosmos e a humanidade.

O CEBI/Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, na região Sul, é espaço, há alguns anos, a fim que homens se encontrem, para partilharem vida e Bíblia, a partir de suas nomeações, construções, desconstruções e reconstruções de masculinidades.

Um grupo destes homens nos presenteia com as reflexões e partilhas surgidas no estudo do cap. 21 do evangelho de João. É intrigante perceber a nudez de Pedro neste texto. É intrigante perceber a relação de 7 pessoas e não de 12, de homens e de mulheres.

É interessante perceber como Pedro fique nu e não vista o que estava acostumado (ou obrigado) a vestir... corpos sem roupas... corpos com diferentes roupas... tecidos e textos na construção complexa, isto é, tecida em mutirão, de outras relações de homens e entre homens possíveis.

O modelo hegemônico e violento da única e pretensa masculinidade considera outros homens e outras masculinidades “menos homens”, quase que ratos. *André e Yoimel* se perguntam a respeito dos homens que fazem desta posição marginalizada uma forma de subversão do sistema de poder assimétrico e hierárquico.

Através do estudo do texto de Gênesis 38, os autores se perguntam e ajudam a nos perguntarmos pelos papéis de novas masculinidades em ruptura com a masculinidade patriarcal e hegemônica e homofóbica. Esta masculinidade é relatada no texto pelo personagem de Judá e seus conflitos com os filhos, expressões de outras masculinidades possíveis, que se recusam em viver o papel masculino dentro do casamento e da procriação e provisão da casa patriarcal.

Este texto, com suas reflexões, permite-nos evidenciar as estratégias de construção de papéis de gênero segundo a ideologia patriarcal, mas também a visibilizar masculinidades desviantes, subversivas, alternativas.

É sobre eloqüentes silêncios, territórios desapropriados das falas e dos poderes falocêntricos, espaços de masculinidades desnudas e desmascaradas, que *Hermes* quer indagar no texto de Mateus 1,18-25. Através dos sonhos, territórios íntimos de falas dos corpos, com suas construções passadas e possíveis, verdadeiras, porque futuras no presente, Hermes nos ajuda a entrar neste texto do evangelho de Mateus.

Perguntando para a vida e para a Bíblia, pelo silêncio e pelo sonho de José, esposo de Maria, Hermes nos faz vislumbrar os prodígios mágicos de construções de outras masculinidades. Outros corpos de homens, territórios livres de almas, são possíveis através da nomeação do que precisa ser superado: o poder patriarcal violento, dualista e hierárquico.

Outros corpos de homens, territórios livres de almas, são possíveis através da nomeação antiga e nova de experiências pessoais e comunitárias de libertação: Deus conosco.

Para estes corpos-tecidos de almas, textos de outras masculinidades possíveis, não alicerçadas na violência, é o nosso xale de mulheres, não mais xale de silêncios, emudecido e amordaçado, mas tenda errante de Humanidade Cósmica, na Paz da utopia, que começa, frágil, a ter lugar.

Quero partilhar uma história antiga de xale de silêncio que se fez tenda de paz e construção de outras relações possíveis entre homens e mulheres, relações possíveis de “outra cidadania recriada”.

Quero partilhar a história antiga de uma mulher, Lisístrata e das muitas mulheres que, com ela sonharam e lutaram pelo fim da guerra. “Bem-aventuradas as pessoas que constroem a paz!”

Teimosa e inteligente, irônica, concreta e fantasiosa, apaixonada e lúcida, terna e dura, solidária e crítica: assim a pensou o seu autor e assim ela chega até nós, toda contida no enredo dos diálogos e, então, na imensa possibilidade da dramatização que o teatro e, neste caso, a comédia grega, nos oferece.

Lisístrata (em grego, “aquela que desmancha os exércitos”) é uma criatura de Aristófanes, nos asseguram as fontes. Uma personagem fruto do seu autor, mas que, como qualquer obra de arte, vai além do simples espelho da verdade da realidade.

Das comédias de Aristófanes, Lisístrata, encenada pela primeira vez em 411 aC, enfrenta o problema da paz e a questão da posição das mulheres na *pólis*, na cidade grega. Lisístrata evoca uma hipótese de poder feminino que se realiza na abolição da propriedade privada e, sobretudo, da propriedade sexual.

O contexto da comédia é o dos tempos trágicos das guerras do Peloponeso. A ação acontece sobre a Acrópole de Atenas. Lá Lisístrata chama em reunião as mulheres para organizar uma greve incrível, a mais incrível da história, a greve de sexo a fim de obrigar os homens a fazer as pazes.

O texto teatral desenha uma breve ação, rápida, mas os personagens, só riscados no breve desenho das frases curtas, nunca são apresentados de forma superficial. Não existem no texto figuras evanescentes, cada palavra ilumina, ao mesmo tempo, uma condição e um pensamento. O temor inicial de Lisístrata, a dúvida de que as mulheres possam retirar-se, não responder ao seu chamado, acaba com a chegada de cada mulher, na troca das palavras, assinalando uma confiança física, afetuosa e irônica, típica de um tecido social feminino que consegue superar cada abstrata fronteira política.

Lisístrata não está sozinha. Desde o começo partilha com Calonice a dúvida: “fico angustiada por nós mulheres, porque os homens nos pensam capazes de qualquer coisa..., mas quando é urgente a discussão de uma grande questão, ficam dormindo; não aparece, sequer, nem uma mulher”.

Lisístrata ignora as palavras da amiga que lembra as dificuldades que as mulheres têm de sair de casa: “uma tem um marido violento que a espanca; a outra tem que vigiar o escravo; a outra ainda tem que cuidar da criança, fazê-la dormir, ou lavá-la, ou dar-lhe de mamar”.

Insiste Lisístrata: “É possível que as mulheres não tenham coisas mais importantes?”

As mulheres chegam de todo canto da Grécia. Para as mulheres, no emaranhado do tecido dos textos, nos diálogos, a guerra é, simplesmente, guerra, sem adjetivos nem motivações. Uma expressão da estupidez dos homens que precisa ser parada, antes que leve embora a vida concreta e profunda da *pólis*, vida da qual as mulheres reunidas sabem ser as mais ativas e confiáveis guardiãs.

Por isso, enquanto explica para as companheiras a sua proposta, Lisístrata já colocou em lugar seguro o tesouro da Liga Ática, tesouro acumulado em Atenas para enfrentar as despesas da guerra. Lisístrata consegue o tesouro ocupando a Acrópole com as anciãs das cidades.

Duas são, então, as ações desencadeadas que assinalam os pontos críticos da relação entre mulheres e homens: de um lado o sexo, expressão da relação mais íntima, do outro os produtos, as riquezas, terreno concreto onde se mede a esfera pública, que define as condições da cidadania, para além das condições da sobrevivência.

Dois mil anos de história não nos distanciaram muito da cena das nossas matriarcas gregas. Ainda hoje pobreza e riqueza possuem uma fortíssima conotação de gênero para a maioria da população mundial, e até nos países ricos, a complexa relação entre patrimônio e matrimônio desenha, ainda hoje, inéditas opressões, reduzindo, na realidade dos fatos, os espaços de cidadania que as leis asseguram.

Na troca informal, construída pela partilha daquele saber de cuidado e gestão do cotidiano no qual as mulheres experimentam responsabilidade e sociabilidade, Lisístrata coloca no centro o corpo. O corpo, este lugar da confiança, de um conhecimento recíproco que alicerça a sua possibilidade, mas também na condição comum da relação entre os sexos, o patrimônio ocultamente administrado em confronto com o eterno mercante que é o homem.

As mulheres demonstram renunciar com dificuldade ao prazer da troca sexual, cujo desejo revela mais de perto o ser dois da espécie humana. As mulheres conhecem também o poder contratual, que pode sustentar a coragem de ter se empoderado do tesouro guardado na Acrópole. Uma ação não pode existir sem a outra. E Lisístrata pôde anunciar com mais força o seu objetivo: “Eu acredito no dia em que os helenos nos darão o nome de Lisímacas, isto é, aquelas que destroem a guerra”.

Então, um pacto que prefigura o inteiro programa político, que, nos tempos próximos foi acusado de destrutivismo, não é mais traição, mas uma nova virtude política. Um pacto que precisa também de um novo rito de juramento. Um rito que renuncie ao tradicional sacrifício animal, visibilizando, também em nível simbólico, a subversão dos valores por trás da ação das mulheres. Não se faz juramento entre mulheres sobre o escudo e a espada, nem sobre um animal degolado. Não! O juramento vai ser sobre um odre de vinho bom, abundantemente derramado, tão abundante como aquele prazer ao qual se renuncia, antes que a guerra o faça impossível, porque é a guerra o verdadeiro derramamento e desperdício, através da perda de todas as vidas.

Depois do juramento das mulheres, a ação é rápida. As mulheres encontram as companheiras fechadas na Acrópole. Chegam os homens. O confronto é difícil, mas as mulheres vencem.

Perante o grande comandante do exército, irritado pela coragem das mulheres que querem ocupar-se de guerra, Lisístrata não volta atrás e, depois de tê-lo coberto com seu xale, que o comandante e todos os homens da guerra e do patriarcado tinham

indicado como sinal feminino do dever de emudecer, como sinal da “natureza” das mulheres em ficar caladas, Lisístrata enuncia seu programa de governo:

“Se tivessem um pouco de cabeça, governariam a cidade como nós, mulheres, governamos a lã. Antes, é preciso lavar a lã recém cortada, um bom banho e o lixo vai embora da cidade. Em seguida, é preciso remover bastante a lã. Movendo e removendo, eliminam-se os impostores e os ladrões. Depois, cortamos as cristas dos que querem sempre mandar e ser os chefes. Numa cesta branqueamos todas as boas vontades, misturando o povo da terra com os forasteiros, quem paga as taxas com quem é tão pobre que só pode receber. A respeito das outras cidades que são colônias de nossa terra, que são como flocos de lã, precisamos juntá-las todas, a fim de fazer um grande novelo e tecer uma manta, juntos e juntas, uma manta bonita, quente, bem feita, que acalante o nosso povo”.

Neste texto antigo das mulheres de Atenas, a linguagem e o discurso assumem a forma da construção de um novo sistema metafórico, onde o tecido e as habilidades conectadas à sua produção, ganham uma nova forma de texto, no conjunto da concreta possibilidade que funda um honesto e lúdico pacto de vivência entre homens e mulheres, para o bem comum.

Da mesma forma tentamos construir este número de Estudos Bíblicos, soltando as vozes emudecidas e presas na garganta de alguns homens. Exercício não fácil. Exercício de coragem. Editando o inédito... simplesmente errando entre homens e textos a procura de Vida e Vida em abundância.

Cicatriz,
Cheiro tua pele
por entre a alma
dos meus dedos.
Folhando, lambendo,
como uma cicatriz
que recorda:
Dor,
construindo o homem
na lei de senhores
e templos: não!

Cheiro tua alma
por entre a pele
dos meus dedos.
Lambendo, folhando,
como uma cicatriz
que esparrama:
Amor,

fitando o sonho
do homem novo: Adão!

Cheiro tua pele,
cheiro tua alma,
entre a pele.
Entre a alma
dos meus dedos...
Folhando, lambendo,
como uma cicatriz ,
de dor,
Amor...
Creio na ressurreição da carne,
nas infinitas possibilidades
e na vida e-terna.

Amém!

(para a in-spiração
a-spiração
re-spiração
con-spiração
de-spição....destes homens em escrever...)

Maria Soave Buscemi
Caixa postal 20
88502-970 Lages, SC
mariasoave@ibest.com.br